

PARTE I

DTI I

**Epistemologia,
Teoria e Metodologia
da Comunicação**

O “envelhecer juntos” de Alfred Schutz:
o lugar da comunicação face a face na sociedade midiaticizada

*“Growing older together” by Alfred Schutz:
the place of face-to-face communication in the mediatized society*

ANA MARIA DANTAS DE MAIO¹

Resumo: A pesquisa em comunicação no Brasil tem concedido visibilidade restrita à obra do sociólogo austríaco Alfred Schutz, tido como um teórico dos relacionamentos face a face. O objetivo deste artigo é investigar possíveis causas dessa marginalidade. O autor é responsável pelo conceito do Relacionamento do Nós, aquele em que os interlocutores orientam-se reciprocamente e ampliam as chances de compreensão mútua, situação desejada no contexto das relações superficiais da sociedade midiaticizada. Ao compartilhar experiências simultâneas, os interlocutores “envelhecem juntos”. O pensamento schutziano permite observar que, apesar do domínio do paradigma tecnológico, persistem condições para uma comunicação mais solidária. Este estudo conclui que entre os fatores que justificam a posição periférica das contribuições de Schutz no Brasil estão a dificuldade de acesso a sua obra (fragmentada, cara e com poucas traduções para o português), além do desinteresse dos cientistas para as formas mais convencionais da comunicação humana.

Palavras-Chave: Comunicação face a face. Alfred Schutz. Midiaticização. Relacionamento do Nós.

Abstract: Communication research in Brazil has afforded scant visibility to the work of Alfred Schutz, an Austrian sociologist regarded as a theoretician of face-to-face relationships. The aim of this paper is to investigate possible causes of this sidelining. That author is responsible for the We Relationship concept, according to which interlocutors guide each other in reciprocity and enlarge the likelihood of mutual understanding, a situation that is yearned for within the context of the superficial relationships of mediatized society. While sharing simultaneous experiences interlocutors “grow older together”. Schutz’s thinking allows the observation of conditions that persist for a more solidary communication despite the dominance of the technological paradigm. This study comes to the conclusion that among the factors that justify the peripheral position of Schutz’s contributions in Brazil is the difficulty of access to his work (fragmented, expensive and having few translations into Portuguese), besides scientists’ lack of interest in more conventional forms of human communication.

Keywords: Face-to-face communication. Alfred Schutz. Mediatization. We Relationship.

1. Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; jornalista do Núcleo de Comunicação Organizacional da Embrapa Pantanal, em Corumbá (MS); mestre em comunicação pela Unesp (Universidade Estadual Paulista). E-mail: anamaio@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

AO FLUTUAR entre a filosofia fenomenológica, a sociologia e a psicologia social, o sociólogo austríaco Alfred Schutz dedica-se a decifrar, entre outras questões, o mecanismo de funcionamento dos relacionamentos face a face. Os primeiros manuscritos do autor datam de 1924 e 1928, quando ainda vivia na Europa, porém, seus estudos se desenvolvem de forma mais contundente a partir de 1939, ano que em segue para o exílio nos Estados Unidos.

Schutz aponta caminhos originais para a compreensão do relacionamento social diretamente vivenciado, aquele que permite aos interlocutores "envelhecerem juntos" ao compartilhar experiências simultâneas. Até o momento, suas contribuições têm sido pouco exploradas entre estudiosos de comunicação no Brasil.

Este artigo aponta prováveis causas dessa marginalidade. É certo que as interações face a face ocupam espaço secundário nas pesquisas recentes do campo da comunicação, diante do alvoroço em torno dos contatos tecnologicamente mediados. Schutz pensa a situação face a face e os relacionamentos humanos sob outro paradigma, fundamentado no que ele chama de mundo real. O advento tecnológico influencia as noções do aqui e do agora, entretanto, esse mundo real persiste e demanda reflexões.

Este estudo também se justifica pela percepção da lacuna existente entre a qualidade desejada e a superficialidade constatada nos relacionamentos contemporâneos. O sociólogo analisa elementos constituintes das relações em situação face a face que podem ser determinantes para interlocutores imersos na sociedade midiaticizada – ou em processo de midiaticização – que procuram outro padrão de convivência.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa bibliográfica sustenta a proposta metodológica deste artigo, considerando que a reflexão a respeito do quadro teórico só é possível mediante o cruzamento de conhecimentos previamente elaborados. Cabe relatar, entretanto, os caminhos que conduzem à obra de Alfred Schutz, já que suas ideias são, até então, relativamente pouco disseminadas no Brasil.

Em um levantamento realizado para a tese de doutorado desta autora, sobre pesquisas em comunicação face a face já publicadas no país, são raros os estudos que citam Schutz. O primeiro contato com o teórico ocorre por intermédio de Alex Damasceno, autor do texto "A interação entre estranhos no *Omegle.com*: sociabilidade, relacionamento e identidade". Damasceno (2013, p. 3) o identifica como "pesquisador dos relacionamentos face a face" e resgata alguns conceitos fundamentais de sua obra, como o *relacionamento do Nós*, a *orientação para o Tu* e sobre as pessoas *envelhecerem juntas*.

Em dissertação defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Araújo (2006) também recorre a Schutz para compreender alguns dos significados encontrados na troca de cartas entre usuários e o hospital Odilon Behrens, de Belo Horizonte. Este pesquisador mergulha na obra do sociólogo e apresenta seus pensamentos de forma bastante minuciosa, incluindo as influências que incorpora da fenomenologia de Edmund Husserl e da sociologia da ação e compreensão de Max Weber².

2. Detalhes dessas influências são descritas também por Wagner (1979), discípulo e organizador de

A marginalidade de Schutz nos estudos teóricos da comunicação é igualmente verificada pelo pesquisador português João Carlos Correa. “Apesar da discricção com que Schutz é acompanhado em Portugal existem razões para pensar que vale a pena romper com o sigilo que envolve o seu nome” (CORREA, 2004, p.4). Correa publica em 2004 um livro sobre a teoria da comunicação do pesquisador austríaco, obra de referência em língua portuguesa para quem pretende adentrar no pensamento schutziano.

A teoria de Alfred Schutz torna-se ainda mais emblemática se a leitura se concretizar no âmago da sociedade contemporânea envolvida no processo de midiaticização. Não são poucos os autores que se dedicam a elucidar esse fenômeno. Do alemão Andreas Hepp é emprestada a perspectiva histórica dos conceitos de mediaticização e de lógica da mídia³; os brasileiros José Luiz Braga e Muniz Sodré contribuem a partir de seus estudos sobre mediaticização e *bios midiático* (ou *bios virtual*). A ideia do mundo líquido, importada da obra do polonês Zygmunt Bauman, enriquece a etapa de contextualização.

SOBRE A SOCIEDADE MEDIATIZADA (OU A CONSCIÊNCIA TECNOLÓGICA)

Sociólogo, Bauman acompanha atentamente as recentes macrotransformações sociais e utiliza a metáfora da liquidez para caracterizar a modernidade. O autor afirma que “[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 8). Essa sociedade mutante e instável imprime outras configurações à individualidade, ao trabalho, à relação tempo/espaço, aos padrões de interação.

Velocidade e instantaneidade, por exemplo, passam a ser condições almejadas pelo sujeito contemporâneo, que busca nas tecnologias a constante realização de atos imediatos. No entanto, Bauman (2001, p.137) adverte que a instantaneidade também significa “exaustão e desaparecimento do interesse”. O uso indiscriminado das tecnologias de comunicação poderia – se não favorecer um estranhamento entre os interlocutores – ao menos obscurecer o processo de compreensão recíproca.

É aí, nesse plano “microsocial” de encontros face a face, que diferentes tradições, crenças, motivações culturais e estilos de vida [...] se confrontam a pequena distância e à queima-roupa; elas compartilham o dia a dia e inevitavelmente dialogam entre si, numa conversa pacífica e benevolente, ou tormentosa e antagônica, mas que leva sempre à familiarização, e não ao estranhamento, contribuindo então para o respeito, a solidariedade e o entendimento mútuo. (BAUMAN, 2011, p. 205).

É na sociedade líquida que se instaura o processo de mediaticização, uma forma de estruturação social que invoca a “lógica da mídia”, conceito trabalhado por Hepp (2013). Este autor vem aprofundando suas investigações sobre a mediaticização e recorre a Hjarvard (2008 apud HEPP, 2013) para delinear a definição. Para ambos, a institucionalização da mídia é pré-requisito para que ela obtenha autonomia e possa influenciar outras instituições. “Somente a partir deste ponto se pode falar significativamente da

publicação póstuma de Schutz, obra de referência para este artigo.

3. Alguns autores sustentam que mediaticização e mediaticização representam apenas grafias diferentes para o mesmo fenômeno. É o caso de Alvarenga e Lombardi (2012).

‘mídiatização da sociedade... [como] o processo pelo qual a sociedade é submetida em um grau crescente, ou se torna dependente, da mídia e suas lógicas’ (HJARVARD, 2008, p. 113 apud HEPP, 2013, p. 617)⁴.

A noção sobre a *lógica da mídia* tem sua origem na discussão sobre o *papel da mídia*. Aqui, Hepp lança mão de pesquisas realizadas por David Altheide e Robert Snow, que se perguntaram como a mídia, enquanto forma de comunicação, influenciava a interpretação do social. Para esses autores, “uma ‘lógica da mídia’ não é inerente ao conteúdo da mídia, mas à forma dos meios de comunicação” (HEPP, 2013, p. 617)⁵.

Na perspectiva de Hepp, a pesquisa em mídiatização precisa relacionar eventuais transformações nos meios às mudanças socioculturais ocorridas em função dessas novas práticas diárias. Neste caso, Hjarvard (2008, p. 113 apud HEPP, 2013, p. 617) observa que o termo *lógica da mídia* refere-se ao “*modus operandi* institucional e tecnológico da mídia, incluindo as formas em que os meios distribuem material e recursos simbólicos e operam com a ajuda de regras informais”⁶.

A partir daqui, as definições adotadas por Braga (2012, p. 36) podem auxiliar na construção conceitual.

Entendemos que os processos comunicacionais associados não decorrem simplesmente da invenção tecnológica. É preciso um componente diretamente social no processo. Sobre a tecnologia disponibilizada é preciso ainda que se desenvolvam invenções sociais de direcionamento interacional. Essas invenções são, talvez, a parte mais importante da questão⁷.

O autor brasileiro aponta que a mídiatização é um processo ainda em construção. Uma vitrine desse fenômeno seria o fato de que “todas as áreas e setores da sociedade passaram a desenvolver práticas e reflexões sobre sua interação com as demais áreas e setores, testando possibilidades e inventando processos interacionais” (BRAGA, 2012, p. 37). Ou seja, a mídiatização extrapola o universo midiático e passa a estruturar a cotidianidade.

Há quem entenda que a mídiatização é a descrição das articulações das instituições com a mídia (informação verbal)⁸. Ou, de forma mais completa, Sodré (2002, p. 24, grifos do autor) define que

o conceito de mídiatização [...] não recobre a totalidade do campo social, e sim, como já frisamos, o da articulação hibridizante das múltiplas *instituições* (formas relativamente estáveis de relações sociais comprometidas com finalidades humanas globais) com as várias *organizações* de mídia, isto é, com atividades regidas por estritas finalidades tecnológicas e mercadológicas, além de culturalmente afinadas com uma forma ou um código semiótico específico.

4. Only from this point can one speak meaningfully of ‘the mediatization of society ... [as] the process whereby society to an increasing degree is submitted to, or becomes dependent on, the media and their logic’ (Hjarvard, 2008: 113).

5. A ‘media logic’ inheres not in media contents, but in the form of media communication.

6. The term media logic then refers to the ‘institutional and technological modus operandi of the media, including the ways in which media distribute material and symbolic resources and operate with the help of informal rules’ (Hjarvard, 2008: 113).

7. O autor cita exemplos de tecnologias de comunicação que tiveram seu uso adaptado devido a demandas sociais, como o *You Tube*, o *Twitter* e até o rádio.

8. Afirmção feita por Muniz Sodré durante apresentações de trabalhos do GT de Teorias da Comunicação no II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, em Braga (Portugal), em abril de 2014.

Implica a midiaticização, por conseguinte, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um *bios* específico.

Denominada *bios virtual* ou *bios midiático*, essa forma de vida *sui generis* impõe a lógica da mídia às relações humanas, que passam a ser reconhecidamente menos estáveis e mais transitórias. Além disso, o *bios virtual* reorganiza a cotidianidade, o trabalho, o espaço, o tempo, os relacionamentos e a própria consciência de si e do outro.

É uma grande transformação, que privilegia a dimensão técnica do homem, em tal magnitude que a forma da consciência contemporânea é fundamentalmente tecnológica, o que equivale a dizer que o relacionamento do sujeito humano com a realidade obriga-se hoje a passar pela tecnologia, em especial as tecnologias da informação, em todos os seus modos de realização. (SODRÉ, 2006, p. 95).

Esse cenário evoca, quase que naturalmente, a emergência de algumas questões. O domínio tecnológico estaria comprometendo a qualidade dos relacionamentos humanos? Há espaço para a comunicação face a face no reino do *bios virtual*? É possível compatibilizar a prática das interações presenciais com o apelo tecnológico da sociedade midiaticizada? Alfred Schutz pode indicar caminhos para essas respostas.

A INSUSTENTÁVEL ORIENTAÇÃO PARA O ELES

O resgate da obra de Schutz no contexto da sociedade midiaticizada representa uma mirada distinta na tentativa de compreender a fragilidade dos relacionamentos sociais, característica do *bios virtual*. Ao teorizar sobre a situação face a face, o sociólogo austríaco vislumbra pessoas compartilhando um tempo comum, experiências fluindo lado a lado e permitindo a captação de pensamentos ou o "envelhecer juntos":

Digo que outra pessoa está ao alcance da minha experiência direta quando ela compartilha comigo um tempo comum e um espaço comum. Ela compartilha comigo um espaço comum quando está presente, pessoalmente, e estou consciente dela como tal e, além disso, quando estou consciente dela como essa pessoa *ela própria*, esse indivíduo *em particular*, e do seu corpo como o campo no qual estão em jogo os sintomas de sua consciência interior. Ela compartilha comigo um tempo comum quando sua experiência flui lado a lado com a minha, quando posso, a qualquer momento, buscar e captar seus pensamentos conforme eles passam a existir, em outras palavras, quando estamos "envelhecendo" juntos. Pessoas assim, ao alcance da experiência direta uma da outra, estão no que chamo de situação "face a face". A situação face a face pressupõe, então, uma simultaneidade real de cada uma das correntes de consciência distintas. (SCHUTZ, 1979, p. 180, grifos do autor).

Esse conceito indica não apenas as condições técnicas da situação face a face – o compartilhamento de espaço e tempo comuns –, mas aspectos filosóficos que emergem a partir do reconhecimento da presença do outro, da consciência da alteridade, da ocorrência de experiências simultâneas. Para Schutz, o contexto desempenha forte impacto sobre os atos de comunicação, a ponto de ressignificar conteúdos e interpretações durante a interação.

Profere o autor, por exemplo, que o processo de entender o outro é complexo e ambíguo. Quando se faz necessário compreender os signos que o interlocutor adota em sua fala, convém desmembrar as etapas de percepção.

De um lado, há o que é compreendido no signo em si, há ainda *o que* a outra pessoa quer dizer com o uso desse signo e, finalmente, o significado do fato *de que* ela está usando o signo aqui, agora e nesse determinado contexto (SCHUTZ, 1979, p. 164, grifos do autor).

No âmbito do *bios midiático*, consignado pelas relações tecnologicamente mediadas, a precisão desse processo interpretativo fica comprometida já que os contextos de produção de mensagens e de recepção podem não coincidir. Ademais, a compreensão de experiências vividas por outras pessoas passa, necessariamente, pelo entendimento de situações vivenciadas pelo próprio *eu*. É neste ponto que ocorre a evidente intersecção entre a obra de Schutz e a de George Mead, teórico norte-americano considerado o precursor do interacionismo simbólico.

Para Mead (1973, p. 108), "provocamos na outra pessoa algo que estamos provocando em nós, de modo que inconscientemente adotamos essas atitudes. Inconscientemente nos colocamos no lugar de outros e atuamos como outros"⁹. Ao colocar-se no lugar do outro, de acordo com o teórico, é possível prever as reações alheias e adaptar o próprio discurso, o próprio comportamento.

Entretanto, o mecanismo de projeção não se manifesta de forma abstrata ou especulativa. As reações da alteridade são interpretadas a partir de fundamentos teóricos da significação e da linguagem, expressando sinais de inteligência no processo de comunicação humana. Mead chega a mencionar a "atitude do engenheiro", profissional que necessita planejar suas ações com base no trabalho de todos os profissionais com quem atua. Para tanto, precisa se colocar no lugar do outro.

Schutz incorpora o pensamento meadiano e introduz a noção de compreensão motivacional em sua análise.

Se imagino, ao projetar o meu ato, que você vai compreendê-lo, e que essa compreensão vai induzir você a reagir, de sua parte de um certo modo, antecipo que os "motivos a fim de" do meu próprio agir vão-se tornar "motivos por que" da sua reação, e *vice-versa* (SCHUTZ, 1979, p. 178, grifo do autor).

Em relacionamentos íntimos, a compreensão da motivação pode ocorrer de forma mais subjetiva e profunda; nos contatos mais impessoais, dá-se o que o autor denomina de tipificação: recorre-se aos motivos típicos de atores igualmente típicos, uma espécie de generalização das possibilidades de respostas.

A interpretação dos "motivos a fim de" e dos "motivos por que" torna-se mais eloquente na comunicação presencial, em que é possível testemunhar reações e significações. É na situação face a face, segundo o autor, que irrompe o "envelhecer juntos":

9. Provocamos en la otra persona algo que estamos provocando en nosotros, de modo que inconscientemente adoptamos esas actitudes. Inconscientemente nos ponemos en el lugar de otros y actuamos como lo hacen otros.

Entre a minha expectativa da sua reação e a sua reação em si, "envelheci" e fiquei talvez mais sábio, levando em conta as realidades da situação, assim como minhas próprias expectativas do que você poderia fazer. Mas na situação face a face você e eu envelhecemos juntos e posso adicionar à minha expectativa do que você vai fazer a visão real de você tomando sua decisão e, depois de sua ação em si, em todas as suas fases constitutivas. Durante todo esse tempo, estamos conscientes da corrente de consciência um do outro como contemporânea à nossa; compartilhamos um relacionamento do Nós rico, concreto, sem nenhuma necessidade de refletir sobre ele. Num piscar de olhos vejo todo o seu plano e a sua execução em ação. O episódio da minha biografia está cheio de experiências contínuas que vivenciei de você, captadas dentro do relacionamento do Nós; enquanto isso, você está me vivenciando da mesma forma, e estou consciente desse fato. (SCHUTZ, 1979, p. 190).

O autor diseca o *relacionamento do Nós*, em que os interlocutores estão mutuamente orientados, compartilham a mesma linguagem e apresentam motivações comuns. Pressupõe a presença física e a *orientação para o Tu*, distinta da *orientação para o Eles* que demarca os relacionamentos derivados – submetidos a outras configurações de tempo e espaço. No *relacionamento do Nós*, o contato é com o *semelhante*, aquele que está ao alcance do sujeito e compartilha interesses comuns.

Mas o fato de eu ver você como um semelhante não quer dizer que eu também seja um semelhante para você, a não ser que você esteja consciente de mim. E, é claro, é bem possível que você não esteja prestando nenhuma atenção a mim. A orientação para o Tu, portanto, pode ser unilateral ou recíproca. É unilateral se apenas um de nós percebe a presença do outro. É recíproca se nós estamos mutuamente conscientes um do outro, isto é, se cada um de nós está orientado para o Tu em relação ao outro. Dessa forma se constitui, a partir da orientação para o Tu, o relacionamento face a face (ou relacionamento social diretamente vivenciado). (SCHUTZ, 1979, p. 182).

Na dimensão oposta ao *semelhante*, o pesquisador esboça a figura do *contemporâneo*, aquele que "só é acessível indiretamente e suas experiências subjetivas só podem ser conhecidas na forma de *tipos gerais* de experiência subjetiva" (SCHUTZ, 1979, p. 217, grifo do autor). Para Schutz, embora *semelhantes* e *contemporâneos* se localizem em posições antagônicas, pode haver uma transição gradual entre esses sujeitos, como nos casos em que ocorre o relacionamento direto e, depois de determinado tempo, o afastamento. Instaura-se, nessa situação, um estranhamento entre os interlocutores.

O relacionamento entre *contemporâneos* é abordado pelo sociólogo através do conceito de mediaticidade, que pressupõe contatos indiretos entre interlocutores. Na perspectiva de Schutz, é possível conhecer um *contemporâneo* de forma direta – em um relacionamento que posteriormente se torna indireto pela ausência de contatos presenciais –, e por meio da descrição de terceiros. Ele observa ainda que o mundo dos objetos culturais também proporciona referências aos *contemporâneos*¹⁰.

10. De acordo com Schutz (1979, p. 217), "quanto mais longe vamos no mundo dos contemporâneos, mais anônimos seus habitantes se tornam, a começar pela região mais interna, onde eles quase podem ser vistos, e terminando com a região onde eles são, por definição, eternamente inacessíveis à experiência".

É conveniente abrir um parêntese no pensamento de Schutz para esclarecer que toda a sua teoria considera sujeitos imersos em um mundo constituído em termos “do alcance real e potencial em torno do seu Aqui e Agora real, o qual se situa no centro das mesmas dimensões e direções de tempo e espaço que formam esse mundo historicamente dado da natureza, sociedade, cultura, etc” (SCHUTZ, 1979, p. 160).

Essa descrição de mundo não condiz com o universo midiaticizado, que pressupõe outra estruturação – baseada na lógica da mídia. Ainda assim, é possível deslocar inferências e observações do sociólogo austríaco para o contexto da sociedade líquida e redescobrir que a essência dos relacionamentos não se encontra nos meios, mas nas pessoas.

Diante dessa constatação, o posicionamento periférico de Schutz na pesquisa em comunicação merece ser investigado. A concentração do interesse científico na mais recente onda tecnológica talvez justifique a abnegação por um teórico dos relacionamentos face a face. Não opacifica, no entanto, a relevância de seus pensamentos para a contemporaneidade.

Correa (2004) aponta outras duas possíveis causas para a atuação coadjuvante imposta a Schutz na pesquisa em comunicação. A primeira seria seu “percurso intelectual heterodoxo” que o colocaria em um patamar eclético desinteressante aos investigadores da filosofia e das ciências sociais; a segunda, o caráter fragmentário de sua obra¹¹.

Além disso, o pensamento de Schutz pode, de certo modo, ser considerado difuso, isto é, não há foco em uma disciplina específica. Suas ideias abastecem uma gama tão vasta da ciência, que o autor é citado em pesquisas de comunicação, filosofia, sociologia, economia, ciências da educação, geografia, história, etnologia, gestão, musicologia, moral, ética médica, medicina e outras ciências da saúde, psicologia, psiquiatria, estética, estudos literários, teoria política e estudos sobre o gênero (CORREA, 2004). As contribuições do autor para a ciência da comunicação correspondem a uma parte de sua considerável produção intelectual.

Some-se a esses quesitos o fato de que a maioria de seus textos permanece sem tradução para o português, o que, infelizmente, ainda se constitui como barreira para a difusão acadêmica. Outro fator não desprezível é o preço das obras. Os *Collected Papers* importados, na versão digital em inglês, chegam a custar entre US\$ 66 e US\$ 207 cada volume¹², inviabilizando a popularização do autor.

TEMPO X EFEMERIDADE

Na senda do paradigma tecnológico, a ideia de dedicar tempo e atenção a conversas presenciais parece estar em declínio. Os interlocutores têm pressa, a competitividade no mundo do trabalho exige rapidez, a informação circula em tempo real. A mediaticidade de Schutz impera no universo do *bios midiático*. Multiplica-se nas plateias, nas redes

11. A maior parte da produção científica de Schutz foi publicada postumamente. Ensaios foram reunidos por seus discípulos em *Collected Papers*, cujos volumes foram disponibilizados em 1962, 1964, 1966 e 1999. De acordo com Correa (2004), antes de morrer, Schutz trabalhava em uma obra que sintetizava seus 30 anos de pesquisa. A redação final deste trabalho ficou sob a responsabilidade de Thomas Luckmann, cuja publicação, em dois volumes, se concretizou em 1973 e 1984.

12. A cotação considera o valor do dólar em 19 de março de 2015. Valores consultados no site da Livraria Cultura (<http://www.livrariacultura.com.br/busca?N=0&Ntt=alfred+schutz>) em 8 mar. 2015.

sociais, entre os públicos organizacionais e consumidores midiáticos a quantidade de contemporâneos ávida por "fast content".

O volume de informação que circula – e recircula – em processos interacionais explica, em parte, o tempo crescente que as pessoas dedicam diariamente aos aparatos técnicos. Esse mesmo tempo deixa de ser empregado, por conseguinte, nos contatos face a face com os semelhantes¹³. Este é o ponto em que a releitura do pensamento de Schutz pode introduzir algo "inovador" a essa forma conectada de vida. Trata-se de uma inversão tecnológica: o *relacionamento do Nós* desponta como novidade, diferencial, autêntico toque de originalidade para os padrões midiaticizados de relações sociais.

Não obstante a prevalência da tecnologia na construção de relacionamentos, há espaço para as situações face a face apresentadas nos moldes da definição schutziana. A adoção mútua da *orientação para o Tu* – que exige tempo e atenção – configura-se como modelo para interlocutores insatisfeitos com a perecibilidade das relações sociais. Outrossim, de acordo com o sociólogo, o contato olho no olho permite conhecer o outro tanto quanto a si mesmo.

Em primeiro lugar, recordemos que na situação face a face literalmente vejo o meu parceiro diante de mim. Enquanto olho seu rosto e seus gestos e ouço o tom de sua voz, torno-me consciente de muito mais do que aquilo que ele deliberadamente está tentando me comunicar. Minhas observações acompanham cada momento de sua corrente de consciência conforme ele transpira. Como resultado, estou incomparavelmente melhor sintonizado com ele do que comigo mesmo. De fato, posso estar mais consciente do meu próprio passado (na medida em que este último pode ser captado em retrospectiva) do que do [passado] do meu parceiro. No entanto, nunca estive face a face comigo mesmo como estou agora com ele; daí eu nunca me pegar no ato de vivenciar atualmente uma experiência. (SCHUTZ, 1979, p. 186-187).

A descrição da cena de "envelhecimento" evidencia que alguns atributos são exclusivos da comunicação face a face, como o acesso a elementos não-verbais. Schutz defende ainda que para refletir sobre os relacionamentos é preciso que os interlocutores se afastem fisicamente, pois a atenção na situação face a face deve estar totalmente voltada à corrente de consciência compartilhada entre os semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, portanto, a pertinência das ideias de Schutz para a compreensão das interações presenciais no contexto da sociedade midiaticizada. Sua obra adquire atualidade ao sugerir que o *relacionamento do Nós* amplia as chances de entendimento mútuo, pressuposto valioso no mundo dominado pela liquidez. Não há dúvidas de que Schutz exprime "uma sensibilidade à fragmentação cultural" (CORREA, 2004, p. 14) típica da modernidade tardia.

A compreensão genuína da outra pessoa a partir da projeção do *eu* em situação análoga, considerando o repertório de relevâncias e motivações, apresenta-se como

13. Pesquisa recente desenvolvida por Uhls *et al.* (2014) revela que o tempo dedicado às interações face a face parece fazer uma enorme diferença. Os investigadores da Universidade da Califórnia avaliam grupos de pré-adolescentes conectados e temporariamente sem conexão para observar como eles percebem as emoções alheias.

proposição teórico-metodológica em direção ao desvendamento dos processos interativos, conferindo consistência à sua teoria da comunicação.

Ao abordar o fenômeno da mediatidade, que proporciona os relacionamentos derivados, Schutz define, de certa forma, dois modelos para se referir à alteridade: os semelhantes e os contemporâneos, não sem observar determinada graduação entre os dois polos. O processo de midiaticização potencializa – quando não banaliza – os contatos com contemporâneos. Predomina a *orientação para o Eles*.

A midiaticização, traduzida aqui por meio das contribuições de Braga, Sodré e Hepp, impõe-se como componente de estruturação social, importando a lógica da mídia para os padrões de relações sociais. Torna-se fundamental compreender cientificamente esse processo pelo prisma comunicacional. Daí o notável empenho de pesquisadores pelas relações tecnologicamente mediadas, seus efeitos, inter-relações, limitações, propriedades, perspectivas etc. e o tímido interesse pelos relacionamentos face a face. Essa é uma das prováveis causas que explicam a posição marginal do austríaco nos estudos teóricos de comunicação no Brasil.

Retomando a analogia proposta por Schutz, percebe-se que na sociedade midiaticizada cada vez menos as pessoas envelhecem juntas ou se *orientam* reciprocamente *para o Tu*. No entanto, por mais que a noção de tempo tenha se tornado complexa e a ciência avance no sentido de retardar os sintomas, organismos humanos continuam envelhecendo. A diferença é que na atualidade esse processo se desenvolve de forma menos solidária. Envelhece-se desacompanhado.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, C. C., & Lombardi, K. H. (2012) Midiaticização e mediação: seus limites e potencialidades na fotografia e no cinema. In M. A. Mattos *et al.* (Orgs.), *Mediação & midiaticização* (pp. 271-295). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós.
- ARAÚJO, G. F. (2006). *Queixas comunicacionais: significados expressos na troca de cartas entre usuários e o hospital municipal Odilon Behrens*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Recuperado em 19 de agosto, 2013, de: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6W9JAR>
- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRAGA, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. In M. A. Mattos *et al.* (Orgs.), *Mediação & midiaticização* (pp. 31-52). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós.
- CORREA, J. C. (2004). *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte. Recuperado em 8 de janeiro, 2015, de: https://www.academia.edu/385867/A_Teoria_da_Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_Alfred_Schutz_Jo%C3%A3o_Carlos_Correia
- DAMASCENO, A. (2013, Setembro-Dezembro). A interação entre estranhos no Omegle.com: sociabilidade, relacionamento e identidade. *E-compós*, 16(3), 1-14. Recuperado em 30 de março, 2014, de: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/956/711>
- HEPP, A. (2013, Setembro). The communicative figurations of mediatized worlds: mediatization research in times of the 'mediation of everything'. *European Journal of Communication*, 28(6), 615-629. doi:10.1177/0267323113501148

- MEAD, G. H. (1973). *Espíritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductivismo social*. Barcelona: Paidós Ibérica. Recuperado em 21 de julho, 2014, de: [http://investigacion.politicas.unam.mx/teoriasociologicaparatodos/pdf/Interpretativa/Mead%20-%20Esp%EDritu,%20persona%20y%20sociedad%20%20\(23-166\).pdf](http://investigacion.politicas.unam.mx/teoriasociologicaparatodos/pdf/Interpretativa/Mead%20-%20Esp%EDritu,%20persona%20y%20sociedad%20%20(23-166).pdf) (Parte I).
- SCHUTZ, A. (1979). O mundo das relações sociais. In H. R. Wagner (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz* (pp. 157-237). Rio de Janeiro: Zahar Editores. Recuperado em 27 de novembro, 2014, de: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2295273/alfred-schutz---fenomenologia-e-relacoes-sociais-livro>
- SODRÉ, M. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes.
- SODRÉ, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes.
- UHLS, Y. T. *et al.* (2014, Outubro). Five days at outdoor education camp without screens improves preteen skills with nonverbal emotion cues. *Computer in Human Behavior*, 39, 387-392. doi:10.1016/j.chb.2014.05.036
- WAGNER, H. R. (Org.). (1979). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Recuperado em 27 de novembro, 2014, de <https://www.passeidireto.com/arquivo/2295273/alfred-schutz---fenomenologia-e-relacoes-sociais-livro>